

Dívida: a culpa é também dos países credores.

JORNAL DA TARDE

Reali Júnior, nosso correspondente em Paris.

19 SET 1983

O endividamento dos países em desenvolvimento está-se transformando num problema político de grande importância, preocupando alguns setores que acreditam que essa situação dará à URSS novas oportunidades para desestabilizar um certo número de países.

Mesmo em organismos internacionais, onde atualmente se discutem acordos de reescalonamento das dívidas de um grande número de países, tais como Fundo Monetário Internacional e Clube de Paris, a discussão não se limita aos aspectos financeiros, econômicos e de desenvolvimento das nações envolvidas nas negociações, mas começa a levar em conta os problemas políticos que poderão advir se a situação perdurar, sem perspectiva de solução a longo prazo.

Dois países fortemente endividados e já razoavelmente desenvolvidos são citados por especialistas. Teme-se que Portugal e Iugoslávia, com regimes diferentes, mas ambos próximos do Ocidente, países de economia de mercado, possam sofrer pressões desse tipo.

Até há algum tempo, toda a culpa sobre o endividamento do Terceiro Mundo era lançada nas costas dos países devedores: economias mal administradas, corrupção, projetos faraônicos, etc... Hoje, essa impressão continua prevalecendo, mas a responsabilidade é dividida com os credores que agiram de forma irracional, principalmente o sistema bancário privado, na sua tentativa desesperada de obter lucros exorbitantes, na fase

de abundância de petrodólares no mercado.

A revista **Fortune** revelou recentemente que o Citibank, apenas nos países da América Latina que hoje se encontram praticamente em estado de cessação de pagamentos, autorizou créditos que equivalem a 180% de seu capital próprio; o Bank of America, 148%; o Chase Manhattan, 183%; o Chemical Bank, 143%.

Com exceção da Venezuela e México, que atraíram créditos em razão de suas reservas de petróleo, os bancos norte-americanos escolheram países politicamente seguros como o Brasil, Argentina, Chile, Indonésia, Filipinas e Coréia do Sul.

"Todos responsáveis"

Os banqueiros internacionais, notadamente os norte-americanos, explicam que, se não foram estimulados pelos governos, pelo menos os setores oficiais fecharam os olhos para eventuais exageros, interessados, na época, nas vantagens dessa reciclagem de petrodólares. É por isso que hoje já existe uma consciência de que "somos todos responsáveis" e uma solução deve ser encontrada em conjunto, exigindo sacrifícios não só dos países devedores mas também de seus credores. Essa mentalidade começa a prevalecer no Clube de Paris, tendo sido um argumento constante da delegação da França, segundo instruções do ministro da Economia, Jacques Delors.

A França, nas negociações do Clube de Paris, é o principal cre-

dor brasileiro. Isso se explica, pois grande parte dos empréstimos autorizados pelos bancos franceses tiveram aval governamental, através da Coface, o que indica o incentivo do governo da época para que os banqueiros investissem no País.

Os drásticos programas exigidos pelo FMI são vistos com certas reservas por áreas responsáveis. Ele prega a redução brutal das importações, mas nem todos os países têm condições de efetuar tais cortes, pois com exceção de nações como o Brasil, Iugoslávia e Portugal, cujas produções locais cobrem mais ou menos suas necessidades, os demais dependem de importação de alimentos.

Quanto à outra recomendação, aumento das exportações, quando se trata de produtos manufaturados, constata-se um crescimento das medidas restritivas dos países industrializados, eles também atingidos pelo desemprego e pela crise. Em relação aos produtos primários os preços não têm acompanhado, encontrando-se a um nível 20% abaixo do normal, enquanto a demanda também está em baixa.

A situação é considerada explosiva em inúmeros países em desenvolvimento, da América Latina, África, Oriente Médio, Ásia e Europa do Sul. Essa situação poderá evoluir rapidamente para um amplo campo de confronto entre o Leste e Oeste, razão pela qual já começa a prevalecer uma certa conscientização de que é indispensável um esforço de todos para evitar tal evolução explosiva.